Juvenal Hermilo Bezerra

A MAIOR ENCHENTE DO RIO AMAZONAS E OS PREJUIZOS DOS RIBEIRINHOS

História Completa

2007
comp

****

MANAUS — 1953

Juvenal Hermilo Bezerra

A MAIOR ENCHENTE DO RIO AMAZONAS E OS PREJUIZOS DOS RIBEIRINHOS

História Completa

****

2007
comp

MANAUS — 1953

Ó Santo Deus inspirou-me
Grande Pai onipotente
Para tudo que desêjo
Relevar bem consciente
Foi pela primeira
Agora em cincoenta e três
Que houve a maior enchente

I

A de vinte e dois foi grande
Eu digo e ninguem protesta
Porem a de vinte e dois
Foi pinto em vista desta.
Para mim aquela enchente
Passei eu e toda gente
Como quem passa uma festa

II

Os " profetas " estão dizendo
Que a futura é que é enchente
Se assim for — Deus nos valha !
Não fica nem a semente.
Urubú que aceita tudo
Fica de bico rombudo
De comer carne de gente.

III

Nesta morreu até gente
Plantação já nem se fala
Até mesmo seringueira
Que não morre nem a bála
Morreu nesta alagação.
Mangueira, Cupú, limão
Issso já de sêco estála.

IV

Mandioca, milho, feijão,
Gerimun, arroz, batata
Com um mês os pescadores
Encontravam pela mata
Eu digo e ninguem descuta
Que o pior foi a juta
Que pôs tudo p'ra balata.

V

Falamos agora em gado,
Porcos, galinha, carneiro.
Isto fazia até pena
Agente ver o salceiro.
Morcêgo não teve dó
Deixou reduzido a pó
Porem sem gastar dinheiro.

VI

Eu conheço em Terra-Nova
Um rapaz chamado Dico.
Creava tanta galinha
Que já se julgava rico
Porem p'ra não ter sossêgo
A que escapou do morcêgo
Outras caíram do bico.

VII

Não era falta de milho
Isto tinha com fartura
E' que as galinhas do Dico
Gostam muito de gordura
Não estou contando façanha
Aprenderam a comer banha
Que tudo era graxa pura.

VIII

E o Snr. Manoel Gomes
Que tinha sessenta e nove
O morcêgo empreitou tudo
Digo e ninguem desaprove
O morcêgo é bicho afoito ...
De todas ficaram oito
Uma delas não se move

IX

A que ficou aléjada
Ainda findou morendo
Por conseguinte este homem
Teve um prejúizo horrendo
Sendo eu dava bofete
Pois em vez de oito é sete
O número que está vivendo

X

Façamos agora a conta
Do dinheiro que perderam
Sessenta e duas galinhas
E o milho que comeram
Eu dava logo um estrilho
Mas, Manoel Gomes e o filho
Nem as galinhas venderam

XI

Quem passou bem foi Meu Chefe
Homem pacato e direito
Dava bôlo até em rato
Mas, isto não é defeito
Todo seu modo é de tôlo
Tambem só aplica o bôlo
Quando êle está de máu feito

XII

Infeliz do cidadão
Que diz: eu sou brasileiro
E vai trabalhar no varzea
P'ra ver se ganha dinheiro
Fica logo acarbunhado
E depois de endividado
Já está prisioneiro.

XIII

O pobre não tem recurso
P'ra familia alimentar
Se for pescar não trabalha
Alguns nem sabem pescar
O filho chora com fome
Ele trabalhando come
De onde é que vai tirar ?

XIV

O trabalhador da varzea
Vive a si consultando
Vou trabalhar este ano
Para o que vem, vou andando
Vou viver de outra maneira.
Parece uma brincadeira
Só vivo principiando.

XV

Com esta enchente última
E' que o povo esmoreceu
Só não perdeu quem não tinha
Porem quem tinha perdeu
Se o governo auxiliar.
Voltamos a trabalhar.
Disse um compadre meu

XVI

Ora isso de auxilio
Todos terão certamente
Porque abaixo de Deus
Nos temos um presidente
Homem que tem visões largas
E o presidente Vargas
Auxiliou nesta enchente

XVII

Logo que houve a noticia
Que os rios transbordaram
Os jornais amazonenses
Suas noticias espalharam
O Snr. Getulio Vargas
Enfrentando horas amargas
Ele e mais alguem mandaram

XVIII

A imprensa amazonense
Todo auxilio prestou
Gritava aí dia e noite
Seu brado nunca cessou
Vargas chamou Café Filho
Combinaram o auxilio
Com poucos dias chegou

XIX

O Governo Estadual
Pela sua vez tambem
Em auxiliar o pobre
E' um prazer que êle tem
Mondou buscar uma lancha
Nem esperou pela prancha
Pulou dentro e aí vem

XX

Este foi pessoalmente
Procurar os ribeirinhos
Levar taboas p'ra maromba
Levar conforto e carinhos,
Dinheiro, medicamento
Talvez algum instrumento
Que servisse aos pobresinhos

XXI

Auxilio houve com fartura
Do governa federal
Do comercio amazonense
Do governo Estadual
Pouca gente recebeu
Não sei quem foi que comeu
Esta soma colossal

XXII

Só vejo alguem se queixar:
Eu não tirei um tostão
Este negocio de auxilio
E' p'ra quem tem proteção
Vendi até as bagagens
Com esta são tres viagens
Outra não venho mais não

XXIII

Os coronéis de barranco
Que teem bastante gado
Tiraram montes de taboas
Que podiam ter comprado
Como eram fazendeiros
Com gazolina e dinheiros
Tambem foram comtemplados

XXIV

O pobre que nada tinha
Só de Deus a proteção
Tudo que arranjou no ano
Deixou com a alagação
Um já me disse: eu anoto
Eles veem atraz de voto
Nessa proxima eleição.

XXV

Leitores, estou explicando
Tudo quanto ouvi contar
Alguns versos com gracêjo
Que é para poder rimam
Mas eu assisti de perto
Portanto é mais de que certo
Digo e posso asseverar.

XXVI

Agora caros leitores
Vamos falar no futuro
Quem tem gado e tirou taboa
Inda tem seu pão seguro
O pobre que não tem nada
Vai trabalhar na enxada
Isto é sercar no escuro.

XXVII

O que deviam plantar
No mês de abril ou maio
Por exemplo, mandioca
E o feijão de corda ou báio
Plantam em outubro e novembro
Outros até em dezembro
E' por aqui que eu me sáio.

XXVIII

Depois de uma enchente grande
Vem toda perseguição
E' largata, é gafanhoto
E até camalião
Cortam maniva, tabaco
Quem tem o juizo fraco
Não colhe nem o feijão.

XXIX

Nessa época não ha chuva.
Que horrivel situação
O que se flanta não nasce
E' aquela confusão
A terra parece pedra
Mesmo se nascer não medra
Como o pobre ganha o pão ?

XXX

Eu digo porque conheço
Já lutei tempos atraz
Nunca passei de uma calça
Daquelas que o diabo faz
Trabalhar mais ?— é pilheria
Para morrer na miséria
O que tenho já é de mais

XXXI

No mês de maio até junho
Quando os rios transbordavam
Os heroicos ribeirinhos
As marombas levantaram
Gente no baixo Madeira
Saíu pela comieira
E as aguas se avolumavam

XXXII

Anos atraz alagava
Mas, era enchente pequena
Mas, uma assim como esta
O povo se envenena
Vendo o negocio feio
Vai procurar outro meio
Uma vida mais amena.

XXXIII

Esta enchente de agora
Botou tudo p'ra balata
Manaus está cheia de gente
Que dantes morou na mata
Tem dêles que até faz dó
Porem quem deu o seu nó
E' que sabe como desate

XXXIV

Até a propria Manaus
Cuja belêza traduz
Teve agua com fartura
Só falta mesmo é luz
Foi agua e não três pingos
Da Barão de S. Domingos
A Marquez de Santa Cruz.

XXXV

Até mesmo as terras firmes
Sofreram desta maneira
Na vargea só não acaba
Formiga preta e frieira
Vai ser nessa sobremeza
Procure de luz assêza
Se encontra uma bananeira.

XXXVI

Banana agora em Manaus
E' sobremeza de rico
O pobre compra mais facil
Um quilo de grãos de bico
Quem quizer experimentar
Vá para Manaus morar
Que eu por aqui mesmo fico.

XXXVII

Eu um dia observei
Um homem que conversava
Com um outro, seu compadre
Sôbre a enchente falava
Dizendo você fez bem
Pois hoje se nada tem
Tambem lá não arranjava

XXXVIII

Então lhe disse o compadre
Eu vendi tudo que tinha
Porque eu sempre pensei
Que esta enchente vinha
Vendi toda creação
Vendi o milho, o feijão
Só não vendi a farinha.

XXXIX

Compadre quem lhe avisou ?
Perguntou o tal de Zumba.
Você tem pacto com o diabo
Ou dorme em catacumba ?
Você morou no Embóca ?
Eu fui quem banquei o "lóca"
Adivinhão da macumba.

XL

Disse o outro, nada disso
Ê que eu sou experiente
Então que é que me diz
Sobre a futura enchete ?
Meu plano é o mais seguro
E' que eu nunca ví futuro
De quem enterra semente.

XLI

Compadre, eu venho-me embora
Vou deixar de trabalhar
Porque a agricultura
Já deu o que tem de dar
Vêja bem — não tenho um óvo
Não vou trabalhar de novo
P'ra ver o diabo levar.

XLII

Vento não enche barriga
A agua não alimenta
Quem for trabalhar de novo
E' que sabe se aguenta
Por isso é que a turma emperra
Ninguem vai cultavar terra
Sem que haja feramenta.

XLIII

Apelem caros amigos
Para o governo do Estado
Pode ser que este mande
Vos dar enxada e terçado
Machado, eu tambem avizo
Porque se houver prejuizo
O prejuizo é rachado.

XLIV

Ele perde a feramenta
Voceis perdem o trabalho
Pode ser que Deus proteja
Não percam seu agasalho
Se perderem outra vez
Como em cincoenta e três
Vão procurar outro galho.

XLV

Se peguem com S. Geraldo
S. Felipe, Santo Aurelio,
S. Procopio, S. Rumão,
São Bertoldo, S. Cornélio,
S. Juvenal, Santo André,
P'ra livrar do jacaré
Vão se pegar com S. Délio.

XLVI

Peçam a S. Bartholomeu
P'ra livrar da trovuada
Para que não vire o milho
Sem a espiga granada
Horem para S. Dudú
Que leve a sucurijú
Longe de sua morada.

XLVII

Urge voceis refletirem
Que estão se complicando
Não rezam, não fazer preces
Só querem viver dançando
Em todo canto se esbarra
Com uma turma na farra,
Deus não dorme — está olhando.

XLVIII

Quem trabalha Deus ajuda
Isto é um proverbio antigo
Como tudo está mudado
Quem trabalha tem castigo
Isto eu nunca ignorei
Pois tanto que trabalhei
E sempre se deu comigo.

XLIX

Trabalhar não é futuro
Me explicou um rapaz louro
Se trabalhar fosse golpe
Jumento tinha tesouro
Disse êle bem atento:
Quem foi que viu um jumento
Com uma cangalha de ouro ?

L

Agora eu tambem digo
Eu já me sinto cançado
Já não tenho resistencia
Para o cabo do machado
Minha fórça já acabou-se
Dez mil vezes que eu fosse
Um padre ou um deputado.

LI

Padre é só quem goza a vida
Porque passa muito bem
E ganha sem trabalhar
Não compra nada a ninguem
Inda tem mais este gosto
O padre não paga imposto
E todo direito tem.

LII

Deixemos de lado o padre
Que isto não nos pertence
Com relação a estas coisas
E' bom que nunca se pense
Cuidemos da agricultura
Vamos falar na bravura
Deste povo amazonense.

LIII

Pergunta um cobloco ao outro
Como se vai trabalhar ?
Com fome ninguem aguenta
E' asneira penetrar
De fome não vou morrer
E não tendo o que comer
Nem nos convem começar.

LIV

O outro lhe respondeu
Pois olhe, meu companheiro
Com uma chicara de café
Eu trabalho o dia enteiro
Já disse por várias vezes
Daqui a cinco ou seis mesês
Estou em cima do dinheiro

LV

Por isso é que eu sempre digo
Coragem só p'ra quem é
Trabalhar o dia enteiro
Com uma chicara de café
Não me sai mais da memoria
O heroismo e a gloria
Do nosso povo baré.

LVI

Amigo, eu dou-lhe um consêlho
Acho bom que você tome
Não vá atraz de conversa
Procure limpar seu nome
Trabalhando há alimento
Não vá pensar que o Fomento
Deixa alguem morrer de fome.

LVII

Para isso nós bem vimos
A lancha de porto em porto
Dando víveres e ferramenta
O serviço um pouco torto
Se for p'ra passar um mês
Quando vier outra vez
Já encontra o povo morto.

LVIII

Uns receberam farinha,
Jabá, açucar, feijão,
Café, maizena, bolacha,
Leite, e até macarrão.
Tinha alguem que reclamava
Porem o homem só dava
A quem era da afeição.

LIX

Tem alguns chefes de casa
De familia numerosa
Que o rancho que recebeu
Parece até uma prosa
E alguem que nem precisava
O distribuidor dava
Quantidade fabulosa.

LX

Alguem recebeu tão pouco
Com uma grande familia . . .
Outros receberam muito
Sem ter talvez uma filha.
Quem tirou muito tem sorte
P'ra aquele foi uma morte
P'ra este uma maravilha.

LXI

Quando encostavam num porto
Dizia o encarregado:
Vamos, deem logo o nome
Que estou um pouco vexado
Você aí, camarada !
Vai querer uma enxada ?
Aqui não temos terçado.

LXII

Como é que o roceiro
Pode botar um roçado ?
Brocar mato com uma enxada
Derrubar sem ter machado?
E' dificil, mas se faz
Sendo que o satanaz
Venha ajudar um bocado.

LXIII

Tudo isto é consequencia
Desta enchente inesperada
Pois o caboclo da varzea
Vivia vida folgada
Todo ano produzia
la a cidade, vendia
Nunca lhe faltava nada.

LXIV

Porem esta enchente agora
Fez, a maior confusão
Deixou o pobre caboclo
Na pior situação
Quaze que tudo ela arrasa
Deixou o pobre sem casa,
Sem dinheiro e sem o pão.

LXV

O' Santo Deus das Alturas !
Protejei por caridade
Lembrai-vos de vossos filhos
Que sofrem necessidade.
Porque nos homens da terra
Quem confiar neles erra
Tendes de nós piedade.

LXVI

Já disse e vou repetir
Perdoem-me se sou ousado
O governo federal
E o governo do Estado,
O comercio e a imprensa
Tem sido uma coisa imensa
Em ter nos auxiliado.

LXVII

Os flagelados da enchente
Teem muito que sofrer
Porque ainda vão plantas
Quando é que vão colher ?
Salvo êrro ou engano
Só daqui talvez um ano.
Já tem gente p'ra morrer.

LXVIII

Comparo uma enchente aqui
Com uma sêca no Nordeste.
Aqui, depois de um enchente,
Santo Deus! ou tempo agreste
Toda fartura se some
Em seguida vem a fome,
Vem a miséria e a peste.

LXIX

Não comvem é esmorecer
Trabalhemos com afinco
Para o ano, Deus querendo
Quem não tiver seis tem cinco.
Compreendam, companheiros
Não são cinco mil cruzeiros,
Se fosse assim era um brinco.

LXX

Fico até admirado
Desta grande proteção
Pois nossas autoridades
Não teem obrigação
Que elas não são culpadas
Das terras estarem alagadas
E os cabôclos na mão.

LXXI

Fazem porque estão cumprindo
Um dever humanitário,
E são homens conscientes,
Aqui não tem usurário
Por aí tem gente nobre
Que tira do bolso o cobre
Para dar ao operário.

LXXII

O trabalhador do campo
Só de Deus tem proteção
Trabalhando dia e noite
Para ver se ganho o pão
Pedindo a Deus que lhe ajude
Lhe dando vida e saúde
E' esta sua oração.

LXXIII

O Amazonas é grande
Porem é desabitado
Se fosse como o Nordeste
Por exemplo, meu Estado.
Lá não tem p'ra onde correr
O pobre tem que morrer
Tudo alí amontuado.

LXXIV

Lá quando transborda um rio,
Que arrasa a plantação,
Leva gado, leva porcos,
Em fim, toda creação,
Leva o que estiver na frente
As vezes leva até gente.
Agua não tem coração.

LXXV

A agua vem lentamente
Aqui nos rios do Norte
Com tudo ainda e preciso
Que haja juizo forte
Se alguem se emprecionar
Que o que tem vai se acabar
Vai conversas com a morte.

LXXVI

E' assim caros leitores
Esta vida de sofrer
O que eu acho enteresante
E' que ninguem quer morrer
As vezes quando adoesce
Faz logo promessa e prece
O destino é só viver.

LXXVII

O pobre nasce no mundo
Sómente para sofrer
Cheio de mil privações
Nem vale a pena viver.
Na laborióso lida
Até pelo pão da vida
Vive arriscado a morrer

LXXVIII

Não posso me conformar
Com esta historia de morrer
Porque quem morre é de trouxa
Eu nasci foi p'ra viver
Se eu morrer não é por gosto
A vida não paga imposto
Vamos botar p'ra valer.

LXXIX

Agora, tem uma coisa,
Se para o ano alagar
Eu vou-me embora daqui
Procuro outro lugar,
Deixo que alguem se gabe
Se eu morrer lá ninguem sabe
Deixa quem quizer falar.

LXXX

Só creio em Deus e mais nada
Neste Pai Onipotente
Que em todo lugar que estamos
Ele esta ali presente
Eu não sou nenhum pateta
Para dar crédito a "profeta"
Que anuncia outra enchente.

LXXXI

Será que este "profeta"
Tambem não gosta de festa ?
O por acaso êle tem
O seu letreiro na testa.
Ele será competente ?
Se é que êle adivinha enchente,
Porque não adivinhou esta ?

LXXXII

A Deus pertence o futuro
Não convem ser pessimista
Quem confia em Deus não morre
Tudo no mundo conquista
Vamos trabalhar sem mêdo
Não vamos atraz de enrêdo
Deste "profeta" éguista.

LXXXIII

Diz alguem que esta enchente
Foi divido se cantar
Eu só tomára que chova
Uns três dias sem parar
Eu acho uma grande asneira
Por cauza de brincadeira,
Deus ía então se vingar ?

LXXXIV

A meu ver, esta enchente
Foi coisa tão natural
Eu não tomo por castigo
P'ra mim é mais que normal
Mas, quem nunca viu perigo
Acha que foi um castigo
Só sendo mesmo um bosal

LXXXV

E' certo que o prejuizo
Foi de cortar coração
Porque nunca ninguem viu
Semelhante alagação
Diga que dando outra agora
Quem perdeu, quem jogou fóra
Não toma mais precaução.

LXXXVI

Tudo vai é do costume
Ninguem estava a costumado
Duvido que outra enchente
Pegue o povo descuidado
Antes da agua chegar
Não tem juta p'ra cortar
E o milho já está quebrado.

LXXXVII

E' morrendo e aprendendo
Segundo o velho rifão
Tinha que se ver mais esta
A Deus eu peço perdão
Disse uma senhora séria
Que é divido a pileria
De dizerem: Advinhão !

LXXXIII

Nesta enorme catástrofe
Que a enchente promoveu
Nosso caboclo da varzea
Tudo que tinha perdeu
Olhando atravéz da agua
Sentia no peito a magua
De ficar sem o que era seu

LXXXIX

Jacaré, Sucurijú
Engordaram nesta enchente
Envestiam furiosos
Que nem um lôbo imprudente
Na casa de um conhecido
Como era um recem-nascido
Levaram a parturiente

XC

Eu digo tudo que seio
Comigo não ha segrêdo
Me contaram que um caboclo
Vivia doido de mêdo
Enventou esta manobra
Que tinha mêdo de cobra
Nunca mais levantou cêdo.

XCI

Eu nada tenho com isso
Digo porque ouvi dizer
Mas, digo esta enchente
Foi o que veio fazer
Não digam que é bobagem
Três mesês na malandragem
O que se pode prever ?

XCII

Este nosso Rio-Mar
O Amazonas falado
Tem dado vida a milhares
Muitas vidas tem tirado
Se procurando em seu bôjo
Cadaver faz até nôjo
De quem morreu afogado.

XCIII

Avante meus companheiros
Não convem esmorecer
De certo nós não sabemos
O que Deus tem p'ra fazer
Pode ser que para o ano
Deus vendo este esforço insano
Queira até nos protejer.

XCIV

Já falei sobre a enchente
E seus efeitos tambem
Creio que o que escrevi
Não deixa queixa aninguem
Peço que ninguem se oponha
Que o homem que tem vergonha
Só bons sentimentos tem.

XCV

Leitores aqui está tudo
Escrito neste folhêto
Fiz de expontanea vontade
Por isso me comprometo
Pior é a carestia
De todo lado hoje em dia
Nossa vida está espêto.

XCVI

Expliquei que a enchente
Só nos deixou amargura
Não ha nada que garanta
Uma vida mais segura
Calma, é o melhor que acho
Nestes três versos abaixo
Segue minha assinatura.

XCVII

Juro por Deus que nos cria
Usar de minha franquêza
Vêjo a coisa um pouco feia
E preciso uma certeza
Ninguem duvide nem pense
A manhã a Deus pertence
La vai embóra a pobreza

XCVIII

Herdei de meu velho pai
Esta minha opinião
Rogar por quem me faz mal
Matar fome até de cão
Ira não tira pecado
Longe deste predicado
O mestre é meu coração.

XCIX

Basta por hora, leitores
E não serve reclamar
Zomba do tempo quem pode
E' tempo de trabalhar
Rogai a Deus pêla sorte
Rasgái o temor da morte
A vida é se desfrutar.

C

FIM.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA